

**TODOS OS SENTIDOS E SEM FRONTEIRAS: PLURAL PELA PAZ —
ÉTICA, ESPIRITUALIDADE E CULTURA DE PAZ NAS ONDAS DA RÁDIO
UNIVERSITÁRIA FM 107,9**

Henrique Sérgio Beltrão de Castro

Karla Patrícia Martins Ferreira

Este breve ensaio envolve os sentimentos e reflexões vivenciados durante pesquisas de doutorado (FERREIRA, 2011; CASTRO, 2011) feitas com a abordagem História de Vida e Formação (LANI-BAYLE, 1997, 2006, 2008) nas quais se destaca o papel da afetividade (SAWAIA, 2000; FREIRE, 1996) nos percursos formativos nos campos educacional (FREIRE, 1996, 1997, 2005) e radiofônico (TARDIEU, 1969). Serão consideradas sucintamente a dimensão ética atribuída à afetividade por Sawaia (2000), as dimensões ética e estética da abordagem Histórias de Vida e Formação (ASIHVIF, 2002), bem como experiências de formação no âmbito radiofônico na prática de produção e pesquisa dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, focando a relação entre esse fazer poético-radiofônico e cultura de paz, ética, espiritualidade.

Afetividade como Ética

Já há alguns anos, nós (FERREIRA e CASTRO, 2009) temos apontado que a afetividade não vem sendo devidamente contemplada na formação humana, assim como temos relacionado a prática e a reflexão de Paulo Freire (1996, 1997, 2005) com as ideias de Bader Sawaia (2000). Na concepção de Sawaia (2000), a afetividade envolve todos os sentimentos e emoções que marcam a existência humana. Freire, por sua

vez sempre destacou a intrínseca relação entre o que sentimos e o que pensamos, afirmando que é preciso abandonar a separação entre a docência e a afetividade:

Ensinar exige querer bem aos educandos [...] Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 1996, p.141).

Sapere aude (“Ouse saber”)¹: com essas palavras nos exorta Kant. Além de ousar saber, consideramos que é imprescindível ousar sentir. Justamente com coragem, afirma Freire sua convicção de que em íntima sintonia pulsam o que sentimos e o que pensamos:

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (FREIRE, 1997, p.8).

Em meio a esses afetos, o amor caracterizava nitidamente Paulo Freire em seu caminhar com o outro. Mas o educador sempre esteve certo do papel das raivas justas e da relação entre os diferentes afetos.

[...] estou convencido de que minhas decisões fundamentais foram resultado de justas raivas. E é por isso

¹ Expressão originalmente adotada por Horácio (livro 1, carta 2, verso 40): *Dimidium facti qui coepit habet: sapere aude*, isto é, “Aquele que começou está na metade da obra: ouse saber!”

que sou defensor da pedagogia da indignação nesse país... essa prática partiria indignada e iria transformando a indignação numa espécie de permanente e crescente alegria... e nessa experiência da raiva, da alegria, da raiva que me empurra para mudar um pouco a razão de se ter raiva... supere minha raiva na medida em que frustro meu inimigo na dominação que ele exerce sobre mim. Quanto mais mudo o contexto que gera minha raiva, tanto mais posso livremente amar. (FREIRE, 2005, p.177-178).

Se, por um lado, a afetividade não é devidamente considerada na formação humana (FERREIRA e CASTRO, 2009; FERREIRA, 2011; CASTRO, 2011), por outro, é preciso ser cauteloso e assumir uma atitude crítica e ética para realizar estudos sobre o assunto. Sawaia (2000) adverte claramente sobre os riscos de estudar os temas que estão na moda. A autora critica a exploração das emoções e dos sentimentos, ou seja, a utilização antiética dos afetos e dos estudos a respeito deles:

O que está ocorrendo não é o interesse por uma dimensão humana, até então abafada pelo triunfo da razão iluminista, mas a exploração da emoção e sua subordinação aos interesses, exclusivamente, econômicos. O que não é novidade (SAWAIA, 2000, p.8).

A autora cita como exemplos desse uso torpe dos afetos, a manipulação da felicidade como compensação e a ênfase no amor como justificativa de qualquer desejo banal.

A gestão pós-moderna descobriu a chamada inteligência emocional. Peritos em afetividade criam conhecimentos, receituários e tecnologias de rápida aplicação para manipular e regular sentimentos. Cursos para empresários sensíveis e estressados surgem com velocidade espantosa, ensinando que o chefe emocionalmente inteligente evita atritos pessoais e passa aos trabalhadores a sensação de que são amados e reconhecidos,

ao que se pode completar, embora mal remunerados. Nesses cursos, emoções ditas femininas e, portanto, circunscritas à esfera privada são carregadas para fins capitalistas e transformadas em fórmula de sucesso como as expressões, atualmente, corriqueiras nos setores de recursos humanos “dedicação afetiva”, “trabalho amoroso”, “sensibilidade feminina.” (SAWAIA, 2000, p.09).

As Dimensões Ética e Estética da Abordagem Histórias de Vida e Formação

A abordagem Histórias de Vida e Formação (HIVIF) abre campo de vastidão em pesquisa e (auto)formação. Do encontro entre o outrora, o agora e o porvir se tecem os relatos de si neste âmbito de estudos.

Eu lembro — e nunca o farei o suficiente — rechacem suas estéreis nostalgias: trata-se de *remontar* o (e ao) passado, certamente, mas como uma *mola*, para melhor se impulsionar para adiante. (LANI-BAYLE, 1997, p.16, grifos da autora)².

Há que ousar saber de si — e ousar se sentir. Rememo-remos o que dizia o poeta Píndaro: “o dia precedente é o mestre do dia seguinte” — e a ponte entre os dois se faz hoje.

A Carta Ética da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação (ASIHVIF, 2002) enuncia princípios que orientam os pesquisadores, sem ser um instrumento de normalização das práticas adotadas por eles:

Trata-se de uma abordagem que coloca no centro o sujeito narrador, na qualidade daquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si por si e pela mediação de outro. (ASIHVIF, 2002, item 2.1).

² Todas as traduções de originais em francês citadas no texto foram feitas por Henrique Beltrão.

Entre os princípios éticos a nos orientar, a emancipação pessoal e social do sujeito é visada. De acordo com o documento, “emancipação” é compreendida como a ação que tende a substituir uma relação de submissão com os outros por uma relação de igualdade. A partir de seu percurso de vida, o sujeito dispõe dos meios para uma tomada de consciência crítica e reflexiva, com vistas a se colocar como ator — nós diríamos “autor” — social em um projeto de ação mais lúcido e pertinente (ASIHVIF, 2002, item 2.2). A ASIHVIF recusa a cisão entre teoria e prática. Ela aponta uma relação dialética em que as teorias interrogam as práticas e vice-versa. Ela espera que dessa postura nasça uma renovação simultânea no campo de pesquisa, formação e intervenção e no campo da teorização, especialmente na formação de adultos (ASIHVIF, 2002, item 2.5).

Em uma das pesquisas de doutorado que inspiraram este ensaio (CASTRO, 2011), pulsa a busca de contribuir com uma prosa poética e com versos para “a dimensão ‘estética’ da formação-pesquisa-intervenção em história de vida”, citada na Carta Ética da ASIHVIF (2002, item 5), por meio da proposta de uma **narrativa autobiográfica poética**. Fundamentada na abordagem Histórias de Vida e Formação, sobretudo na perspectiva intergeracional (LANI-BAYLE, 1997, 2008); em uma concepção de afetividade como todos os sentimentos e emoções (SAWAIA, 2000; DAMÁSIO, 2004); em reflexões no campo pedagógico (FREIRE, 1996); em estudos sobre radiofonia (TARDIEU, 1969); nas palavras de bardos marcantes (Patativa do Assaré, Bandeira, Vinicius, Neruda, Manoel de Barros, Horácio Dídimo, Thiago de Mello, Pessoa, Prévert, Quintana, Ronsard...) na formação deste escritor (CASTRO, 2011; BELTRÃO, 2007; BELTRÃO, 2009) como

referência sobre “(ser) poeta” e “poesia”, a **narrativa autobiográfica poética** capta fragmentos da vida desse autor em uma prosa poética sobre as experiências afetivas (trans)formadoras, revelando a leitura por ele feita do outro, de si e do mundo, em uma dimensão racional-afetiva, em que constrói a (trans)formação de si na interação com o outro contextualizada no mundo (CASTRO, 2011).

Na outra pesquisa de doutorado que anima este ensaio (FERREIRA, 2011), é proposto o **Círculo Dialógico-Afetivo Ecobiográfico**, que encontra sua raiz no reconhecimento dos afetos como todos os sentimentos e todas as emoções (SAWAIA, 1999, 2000) e floresce a partir das sementes dos estudos pautados no Círculo de Cultura (FREIRE, 2005), nas Histórias de Vida e Formação (LANI-BAYLE, 1997, PINEAU, 2008 E JOSSO, 2004), na relação afetiva com o ambiente através da Perspectiva Eco-Relacional (FIGUEIREDO, 2006) e dos Mapas Afetivos (BOMFIM, 2010). As características essenciais para a aplicação do **Círculo Ecobiográfico** vêm a ser: a) a relação dialógica entre pesquisador e colaboradores da pesquisa; o pesquisador é parte do grupo e também constrói sua narrativa; b) a valorização dos afetos como constituintes da base de todas as nossas ações e escolhas; c) o foco na relação com o meio ambiente (aspecto Ecobiográfico) como essencial no processo formador; d) o aspecto (auto)biográfico, destacando as perspectivas ambiental e intergeracional; e) o diálogo intergeracional como importante fonte de acesso à transmissão da cultura, da qual nossos afetos relacionados ao ambiente fazem parte; f) a utilização de diversas linguagens artísticas que permitam alcançar os sentimentos e emoções relacionados ao ambiente; g) o compromisso com a formação e a intervenção, além da pesquisa.

Os dois estudos ora citados (CASTRO, 2011; FERREIRA, 2011) apontam a relação entre o que pensamos e sentimos como essencial em um estudo (auto)biográfico. E essa relação envolve a escrita de si. Martine Lani-Bayle, cientista e escritora, autora de obras fundamentais no campo da pesquisa em Histórias de Vida e Formação, publicou também romances. Talvez por ser também ficcionista, sua escrita seja tão fluida e seu convite à busca tão amplo. Com afetividade e cognição em harmonia: assim sugere ela que se componham os textos acadêmicos.

Nenhum texto se presta a ser lido se ele é percebido como desafetado, isto é, não investido por seu autor. Em toda forma de escrita, *a afetividade é absolutamente tão necessária e atuante quanto as funções intelectuais* (que aliás não se manifestam isoladamente) e isso tanto para aquele que escreve quanto para aquele que lê. (LANI-BAYLE, 2006b, p.48-49, grifo da autora).

Em outro momento, a autora afirma: “a escrita é formadora” (LANI-BAYLE, 2006b, p.27). A fala também é reveladora e, a nosso ver, formadora:

Aquele que fala [no rádio] revela — intencionalmente ou não — seu esforço, todo o seu trabalho e, por isso mesmo, uma parte não negligenciável de sua personalidade. (TARDIEU, 1969, p.129).

Lani-Bayle (1997, p.66) afirma algo que com essa colocação se afina:

Quando falo e quando escrevo (querendo-o ou não, sentindo-o ou não), quando eu me transmuto em autor das frases que articulo, que componho, é a minha história, e através dela, eu que, por meio de trechos que se conjugam, se desenvolve/me desenvolvo e se expõe/me exponho.

A autora destaca a experiência — não-formal e emocional — e a possibilidade gerada por essa abordagem de reinterpretar continuamente o que se faz da própria vida.

O lugar preponderante destinado ao não-formal mostra que são as pessoas que oferecem umas às outras seu próprio ensinamento através da cotidianidade de sua existência. É então a experiência que é a fonte dessas situações de formação e que contribui para mudá-las, e mesmo torná-las melhores. E, nesse contexto, é a experiência emocional que provoca mais mudanças na personalidade, permitindo adotar atitudes cada vez mais independentes. (LANI-BAYLE, 2006, p.62).

A autora destaca a compreensão sartriana “do que fazemos do que os outros fazem de nós.” (LANI-BAYLE, 2006, p.36). Existem em sua concepção da abordagem três etapas que estão entrelaçadas, mas não são cronológicas ou hierarquizadas (LANI-BAYLE, 2006 e 2008) — os fatos: eu relato o que aconteceu, o que é captado do mundo, em um movimento que viria do exterior para o interior do sujeito; o que isso me causou e/ou me causa: eu explico o que me tocou ou toca, eu busco o que sinto e penso a partir do acontecimento, em um movimento de duas mãos entre o interior e o exterior do sujeito; o que faço com isso: eu reflito, aqui no sentido de me formar e me transformar a partir da reflexão e da ação em um movimento que viria do interior para o exterior do sujeito.

Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz: as Dimensões Espiritual, Ética e de Cultura de Paz através do Rádio

Os autores deste texto têm estreita relação com os programas de rádio citados no título. Karla Martins atua como colaboradora de ambos, sugerindo pautas, compartilhando

reflexões sobre a produção e as pesquisas desenvolvidas, bem como contribuindo com as entrevistas, a seleção de músicas e poemas; Henrique Beltrão é produtor e apresentador de ambos, atua como orientador dos bolsistas (estudantes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UFC), bem como é o coordenador junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFC, tanto dessas ações quanto do programa de extensão Rádio Plural, ao qual são vinculadas.

Essas emissões são veiculadas ao vivo pela Rádio Universitária FM 107,9³, o Sem Fronteiras: Plural pela Paz desde 1998 aos sábados às 14 horas e o Todos os Sentidos desde 2003 às quartas-feiras também às 14 horas. O Sem Fronteiras se pauta no respeito à pluralidade da vida, em sua multiplicidade de seres vivos, e em especial na diversidade humana. Seu bordão: “Trabalhemos juntos com reverência à pluralidade de línguas, povos, religiões, idades [...]” O Todos os Sentidos tem como divisa: “levar ao ar a voz das pessoas com deficiência” (PcD). Busca fazer isso encarando-as como cidadãs, procurando romper com o estigma de “coitadinho” sem incorrer no habitual erro midiático de “glamourizar” essas pessoas como heroínas.

Os dois programas são, portanto, temáticos e têm o mesmo formato: uma entrevista pontuada por músicas, poemas, notícias e divulgações culturais. A participação dos ouvintes é fundamental, dando-se a interação por *e-mail*, *twitter*, telefone, assim como através dos blogues e páginas no Facebook.⁴

Ambos constituem ações extensionistas da Universidade Federal do Ceará — UFC que integram um programa de

³ www.radiouniversitariafm.com.br

⁴ Sem Fronteiras: blogue: <http://semfronteirasplural.wordpress.com>; twitter: @pluralpelapaz, página no Facebook: pluralpelapaz e email: semfronteiras107@gmail.com. Todos os Sentidos: twitter: @todos_sentidos e email: 107todos@gmail.com; blogue e Facebook em fase de concepção.

extensão intitulado Rádio Plural, o qual engloba ainda o Musicultura, outra emissão irradiada pela Universitária FM, produzida e apresentada por Pedro Rogério. Na verdade, o Todos Sentidos e o Sem Fronteiras: Plural pela Paz (assim como o Musicultura) constituem ações de extensão, formação e pesquisa ao mesmo tempo. Além do alcance extensionista que os caracteriza na origem, os estudantes que neles atuam fazem ali parte essencial de sua formação prática e teórica no âmbito radiofônico, assim como realizam pesquisas que dão como frutos artigos publicados em anais de eventos e periódicos.

A questão ética perpassa os dois programas aqui enfocados. No Todos os Sentidos, a própria maneira de encarar as pessoas envolvidas com o tema em pauta a cada semana espelha isso. O roteiro é discutido com o(s) convidado(s) antes de entrar no ar. A equipe verifica se a forma de apresentá-los condiz com o que esperam e com o modo como costumam se colocar. Os limites a serem abordados no que diz respeito à origem ou descoberta da deficiência, às estratégias para lidar com ela, aos problemas e preconceitos enfrentados, tudo isso é esclarecido previamente. As próprias questões do roteiro podem ser alteradas, suprimidas ou sugeridas pelo(s) convidado(s), o que é inusitado na radiofonia. Frequentemente, um ponto de partida adotado na entrevista são trechos da história de vida dele(s), o que também é preparado conjunta e cuidadosamente, a fim de não invadir detalhes da privacidade nem incorrer no sensacionalismo habitualmente adotado na grande mídia ao focar a temática tão cara ao Todos os Sentidos.

Orientamo-nos pelo lema adotado pelo Movimento das Pessoas com Deficiência no Ceará — MPcD e pelo Movimento Internacional de Pessoas com Deficiência: “Nada sobre nós sem nós”. Trabalhar com as PcD leva justamente a se ques-



tionar a cada programa e no dia a dia. Certezas são postas em queque, dúvidas dão bons frutos que adubam a mudança.

A própria expressão “pessoas com deficiência” é uma opção ética em sintonia com o que propõem e adotam desde os anos 1990 diversos setores e instituições com elas envolvidos, inclusive o MPcD e a ONU na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Em textos jurídicos e mesmo em alguns científicos, adota-se em geral “pessoas portadoras de deficiência”. Elas argumentam que não são “portadoras” da deficiência. “Cego”, “surdo”, “pessoa com deficiência motora”, “pessoa com síndrome de Down” são designações aceitas e desejáveis. Os surdos reivindicam que não se diga “surdo-mudo”, mas tão somente “surdo”. E outros termos, que carregam uma carga pejorativa, devem evidentemente ser abandonados, tais como: “deficiente”, “excepcional”, “inválido”, “aleijado”, “mongoloide”, “retardado”, “ceguinho”, “mudinho”, “surdinho”.

A denominação utilizada para se referir às pessoas com alguma limitação física, mental ou sensorial assume várias formas ao longo dos anos. Utilizavam-se expressões como “inválidos”, “incapazes”, “excepcionais” e “pessoas deficientes”, até que a Constituição de 1988, por influência do Movimento Internacional de Pessoas com Deficiência, incorporou a expressão “pessoa portadora de deficiência”, que se aplica na legislação ordinária. Adota-se, hoje, também, a expressão “pessoas com necessidades especiais” ou “pessoa especial”. Todas elas demonstram uma transformação de tratamento que vai da invalidez e incapacidade à tentativa de nominar a característica peculiar da pessoa, sem estigmatizá-la. A expressão “pessoa com necessidades especiais” é um gênero que contém as pessoas com deficiência, mas também acolhe os idosos, as gestantes, enfim, qualquer situação que implique tratamento diferenciado. Igual-

mente se abandona a expressão “pessoa portadora de deficiência” com uma concordância em nível internacional, visto que as deficiências não se portam, estão com a pessoa ou na pessoa, o que tem sido motivo para que se use, mais recentemente, conforme se fez ao longo de todo este texto, a forma “pessoa com deficiência”. Esta é a denominação internacionalmente mais frequente. (Disponível em: http://www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao/lei_cotas_2.asp, item 2.5.1. Acesso em: 29 set. 2012).

Com o tempo, a partir de 2005, outros assuntos relativos à saúde e ao bem-estar passaram a ser também enfocados: obesos, idosos, hipertensos... Todos nós estamos sujeitos a desenvolver uma deficiência — definitiva ou temporária. Além disso, temas outros como espiritualidade, ética, literatura, música, acupuntura, meditação — sempre com as PcD relacionados — passaram a ser foco do Todos os Sentidos, tendo em vista que a arte, a ciência, o lazer, os caminhos de autoconhecimento e dos cuidados consigo a todos envolvem.

Passaram a participar artistas, como Thiago Sandes, músico que é autista, e Levi Pimenta, pessoa com síndrome de Down que é poeta e brincante de maracatu. Outra colaboradora e ouvinte constante é Mariana Cavalcante, também pessoa com Down, que marcou nossa reflexão sobre Educação quando, a uma pergunta no ar sobre a aprendizagem e interação sua na escola, respondeu: “A escola, Henrique, é a vida. A gente começa a aprender em casa, com a mãe da gente. Os professores também são importantes, mas a gente aprende é na vida”. A cada emissão, saímos transformados, equipe, convidados e ouvintes. Os afetos, o tempo, os encontros, as vozes tecem laços invisíveis e indelévels. A poesia de ser quem se é se espalha em ondas no ar.

Sentidos

Para as pessoas com deficiência. Com música de Rodrigo BZ.

I

Eu componho gestos que tu não escutas.
Eu escrevo letras que tu não sentes.
Eu digo palavras que tu não degustas.
Eu cultivo sonhos que tu não entendes.
Eu desenho melodias que tu não desfrutas.
Eu colho o fruto filho das tuas sementes.

II

Eu caminho no chão do improvável.
Eu tanjo as cordas do intocável.
Eu bailo nas curvas do invisível.
Eu seduzo, de corpalma sensível.
Eu acolho o carinho do esquecido.
Eu colho o afeto do enlouquecido.
Eu busco os sons silenciados.
Eu reúno os dons do fragmentado.
Eu vejo os segredos do escondido.
Eu cativo as graças da preferida.
Eu sinto as intenções impronunciadas.
Eu pressinto a hora da mudança chegada.
Eu leio mistérios em todos os timbres.
Eu te desafio a tentar ser simples. (BELTRÃO, 2009, p.21)

Se no Todos os Sentidos, as PcD nos surpreendem e ensinam detalhes e profundidades inesperadas, no Sem Fronteiras: Plural pela Paz, o leque da radiofonia se espalha poeticamente, levando-nos (equipe, convidados e ouvintes) da arte à ciência, da ética à espiritualidade, da política à tecnologia, de uma língua a outra, em meio a diversas culturas, em meio a muitas idades. Essa reverência à pluralidade é a diretriz éti-

ca primordial do fazer poético-radiofônico do programa Sem Fronteiras. O respeito à diversidade ecoa cada vez que é recordado no ar que o que temos de semelhante é sermos todos diferentes.

O compromisso com a construção de uma cultura de paz fica marcada desde os nomes adotados no âmbito dessa emissão — o seu próprio: Sem Fronteiras: Plural pela Paz; o da página no Facebook: Plural pela Paz; o do *twitter*: @plural-pelapaz. Nas músicas e poemas escolhidos, isso também fica claro. À guisa de ilustração, apontamos a composição “Somos todos índios”, de Evandro Mesquita e Vinicius Cantuária, e a citação mais repetida no ar ao longo destes anos, do Mahatma Gandhi: “Seja a mudança que você quer no mundo”.

A dimensão espiritual rima com este constante fazer poético-radiofônico voltado para a cultura de paz. Reunimos em torno dos microfones convidados que representam diversas concepções espirituais da humanidade, como os espíritas, os católicos, os budistas, os taoístas, os iogues da Brahma Kumaris, para citar apenas alguns exemplos. Mas não somente a essas ocasiões se restringe o espaço consagrado à espiritualidade nos programas Plural pela Paz e Todos os Sentidos. A tolerância, o respeito mútuo, a fraternidade universal, a intrínseca relação entre tudo que vive são sempre citados e servem de farol para navegação nas ondas hertzianas. Às citações de Gandhi, somam-se as de Madre Tereza de Calcutá, de Dom Hélder Câmara, de Chico Xavier e seu mentor Emmanuel, de Buda, de Lao-Tsé, de Jesus...

Cabe esclarecer que, embora tenha a equipe e o apresentador suas convicções espirituais, a concepção de espiritualidade que orienta nossas ações é ampla, envolvendo as várias religiões, mas indo além delas, por entendermos que a espi-



ritualidade anima cada gesto e cada sopro de vida a todo instante, independentemente da maneira como a concebemos.

No ar, ao vivo, sem edição, a voz diz de si e os silêncios compõem pausas musicais. Caminhar para si (JOSSO, 1991) requer ouvir o outro, mas também a si mesmo. “Não conhecemos nossa própria voz” — diz Jean Tardieu (1969, p.56), poeta que viveu e estudou a radiofonia: “Ela ressoa em nós, quando falamos, de maneira totalmente diferente de quando a escutamos *do lado de fora*.” (Idem). No capítulo *Poésie et Radio*, Tardieu (1969) comenta:

A voz humana! Quanto poder e, ainda hoje, quanto mistério! Do ponto de vista dos grandes mitos da humanidade, ela é portadora do verbo, manifestação soberana do espírito criador. Do ponto de vista psicológico e sociológico, ela é o instrumento da linguagem, a expressão da personalidade e da comunicação entre os homens. Ela começa pelo grito, que nos religa à animalidade, ela termina pelo poema e pelo canto, que nos elevam acima de nós mesmos. (TARDIEU, 1969, p.54-55).

Ao fazermos percursos de redescoberta de si (e do outro) com a abordagem Histórias de Vida e Formação (FERREIRA, 2011; CASTRO, 2011), não podemos nos impedir de sentir ressoar a voz humana que envolve corpo, mente e alma a um só tempo. Eis por que sempre convidamos os estudantes, os leitores, os ouvintes a escutar rádio — rádios! Eis por que sugerimos que desfrutem da música e da poesia, ouvindo e lendo, mas também cantando e fazendo versos. Eis por que adotamos atividades artísticas em sala de aula (CASTRO, 2011) ou na concepção do Círculo Dialógico-Afetivo Ecobiográfico (FERREIRA, 2011).

Eis por que convidamos os ouvintes a descobrir sua língua e as demais línguas, a poesia da vida, a música que faz

dançarem nossos *corpalmas*... Eis por que o Sem Fronteiras: Plural pela Paz reverencia e canta a diversidade: para afinar o coro dos que se irmanam no respeito ao outro. Eis por que o Todos os Sentidos tem como bordão: “para levar ao ar a voz das pessoas com deficiência”. Do grito ao verso dito! A voz de cada convidado ganha os ares até o labirinto dos ouvidos de cada pessoa sintonizada na 107,9 FM.

As ondas hertzianas irradiadas quando o Todos os Sentidos e o Sem Fronteiras: Plural pela Paz vão ao ar se propagam por tempo indeterminado pelo Cosmos, levando em si os ideais, os sentimentos, os pensamentos, as atitudes inspiradas em um compromisso ético com ouvintes e convidados, com a espiritualidade em seu sentido mais amplo e com a construção contínua e serena de uma cultura de paz a nos acolher, a todos...

Referências

ASSOCIATION internationale des histoires de vie en formation et de recherche biographique en éducation — ASIHVIF. *Carta Ética da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação*. Disponível em: www.asihvif.com/Charte.pdf. ASIHVIF. Acesso em: A2002.

BELTRÃO, Henrique. *Vermelho*. 2^a. ed. Fortaleza: Expressão, 2007.

_____. *Simples*. Fortaleza: Expressão, 2009.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CASTRO, Henrique S. Beltrão. *No ar, um poeta: do singular ao plural — experiências afetivas (trans)formadoras em um percurso autobiográfico poético radiofônico*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DAMÁSIO, Antonio. *Em busca de espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERREIRA, Karla P. Martins. *A formação de sentido e o sentido de vida: o círculo ecobiográfico com educadores e as experiências afetivas formadoras em sua relação com o semiárido cearense*. Tese. UFC, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação Brasileira, Fortaleza, 2011.

_____. e CASTRO, Henrique S. Beltrão. Paulo Freire e a ética da afetividade. In: FIGUEIREDO, João B. A. e SILVA, Maria E. H. *Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire II: reflexões e possibilidades em movimento*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. (Col. Diálogos Intempestivos).

FIGUEIREDO, João Batista de A. Educação Ambiental Dialógica: a contextualização do ensino numa leitura de Paulo Freire. In: OLINDA, Ercília B e FIGUEIREDO, João B. A. *Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire*. Fortaleza: Edições UFC, 2006. (Coleção Diálogos Intempestivos).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

_____. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. *Cheminer vers soi*. Lausanne: L'âge d'homme, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LANI-BAYLE, Martine. *L'histoire de vie généalogique: d'Œdipe à Hermès*. Paris: L'Harmattan, 1997.

_____. *Taire et transmettre*. Les histoires de vie au risque de l'impensable. Lyon: Chronique Sociale, 2006.

_____. *Ecrire une recherche mémoire ou thèse*. Lyon: Chronique Sociale, 2006b.

_____. Histórias de vida: transmissão geracional e formação. In PASSEGGI, M. C. (org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFNR e São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston. Aprender a habitar a terra: ecoformação e autobiografias ambientais. In: PASSEGGI M. C. e SOUZA, E.C. *(Auto) biografia: formação, territórios e saberes*. Natal-RN: EDUFNR, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, reabilitação, emprego e terminologia*. São Paulo: Revista Nacional de Reabilitação, 2003, p.12-36. Disponível em: http://www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao/lei_cotas_2.asp. Acesso em: 16 nov. 2011.

SAWAIA, Bader. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA B. B.(org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.97-118.

SAWAIA, Bader Burihan. *Por que investigo a afetividade*. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor titular de Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000.

TARDIEU, Jean. *Grandeurs et faiblesses de la radio*. Paris: UNESCO, 1969.